

# Aprendizagens potencializadas por meio de novas tecnologias: uma vivência no ensino de História

Learning potentiated by means of new technologies: an experience in teaching History

*Elenise Oliveira Carneiro\**

*Vera Lucia Trennepohl\*\**

*Lidia Inês Allebrandt\*\*\**

## RESUMO

O propósito geral é refletir acerca de uma experiência vivenciada no PIBID/UNIJUI/CAPES, pelo subprojeto da História da UNIJUI, numa escola do ensino fundamental, que envolveu estudos e produções na universidade. O foco é evidenciar como o uso dos recursos tecnológicos nos processos de ensino e de aprendizagem contribuem para potencializar a autonomia e o envolvimento dos alunos pelos estudos. A proposta pedagógica nasceu de uma demanda da escola ao PIBID UNIJUI, desenvolvida através de um projeto interdisciplinar que envolveu os pibidianos e os professores de uma das turmas e que considerou a recorrente pergunta dos estudantes: por que temos que estudar história, inglês, matemática...? Para tanto, além da pesquisa de sua história e da história das charqueadas no Rio Grande do Sul, os recursos tecnológicos disponíveis foram empregados como possibilidade de ampliar a pesquisa e efetuar a sistematização de aprendizagens e, por meio destas, compreender o porquê estudar história. Os resultados apontam para o significado de um planejamento interdisciplinar, de modo a buscar respostas ao problema explicitado, no caso o motivo pelo qual se estuda, constatando-se que os recursos tecnológicos são potencializadores dos estudos tornando os alunos protagonistas de sua aprendizagem.

Palavras-chave: História. Tecnologias. Ensino. Aprendizagens. Pibid.

## ABSTRACT

The general purpose is to reflect on a lived experience in PIBID / UNIJUI / CAPES, by the UNIJUI History subproject, in an Elementary school, which involved studies and productions at the university. The focus is to highlight how the use of technological resources in the teaching and learning processes contribute to enhance students' autonomy and involvement in studies. The pedagogical proposal arose from a demand of the school to PIBID UNIJUI, developed through an interdisciplinary project that involved the PIBID students and the teachers of one class and who considered the recurring question made by the students: why we have to study history, English, mathematics...? Therefore, in addition to the research of its history and the history of Charqueadas in Rio Grande do Sul, the available technological resources were used as a possibility to broaden the research and to systematize learning, and through these, to understand why studying history. The results point to the meaning of an interdisciplinary planning, in order to seek answers to the mentioned problem, in the case the reason for which it is studied, in which it was verified that the technological resources can empower studies making the students protagonists of their learning.

**Keywords:** History. Technologies. Teaching. Learning. PIBID

---

\*Formada em Comunicação Social. Hab.: Jornalismo pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (UNIJUI). Graduanda em História (EAD), pela mesma Universidade. Bolsista do subprojeto História PIBID/UNIJUI. E-mail: [elenisecarneiro@gmail.com](mailto:elenisecarneiro@gmail.com)

\*\*Coordenadora do Programa Iniciação a Docência – PIBID, pelo subprojeto da História da UNIJUI. Professora do curso de História da UNIJUI. E-mail: [verart@unijui.edu.br](mailto:verart@unijui.edu.br)

\*\*\*Bolsista CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - e Coordenadora do Programa de Iniciação à Docência-PIBID- subprojeto Pedagogia e professora referência do PIBID na E.M.E.F Anita Garibaldi. Professora do Curso de Pedagogia da UNIJUI. E-mail: [lidia@unijui.edu.br](mailto:lidia@unijui.edu.br)

## Introdução

O processo de aprendizagem na Educação Básica coloca-se como preocupação para os pesquisadores das diversas áreas do conhecimento que buscam alternativas para qualificar o ensino. Nesses estudos, fica evidente a necessidade de os professores optarem por metodologias que considerem a incorporação do uso de tecnologias no processo de ensino, pois as ferramentas disponíveis se colocam como uma possibilidade de uma aprendizagem significativa para os estudantes. Para tanto, torna-se necessário preparar ou qualificar os sujeitos envolvidos nos processos de ensino e de aprendizagem para utilizar os meios tecnológicos para potencializar a participação, a criação, os estudos de que as áreas de conhecimento conversem entre si, mediante a realização de aulas dinâmicas e eficientes.

Assim, a tecnologia torna-se também uma possibilidade para o desenvolvimento de atividades diferenciadas das usuais no contexto da escola que oportunizem a compreensão dos conhecimentos abordados. Ressalta-se que o uso das tecnologias requer a mediação do professor como alguém que planeja a atividade, utilizando as ferramentas disponíveis para os estudos, mas também como forma de os alunos sistematizarem e apresentarem as suas pesquisas e, por meio destas, compreender o porquê estudar, no caso história.

Em função disso, este artigo tem como objetivo refletir sobre uma experiência desenvolvida numa escola de Ijuí, vivenciada PIBID/CAPES/UNIJUI, pelo subprojeto história, e apresentar a possibilidade de se incorporar o uso de tecnologias na prática escolar. Com isso, houve um movimento de conquistar os alunos para o estudo em geral e, também, como forma para trabalhar conceitos e conteúdos, relacionando-os com as suas histórias de vida, com a história do Estado e do País, levando-os a perceber que estas são construídas pelos homens em diferentes tempos e espaços. Assim, pergunta-se: como o uso de tecnologias pode potencializar o ensino e o querer aprender história?

## Contextualizando a experiência

Essa escrita foi desenvolvida a partir da reflexão de um projeto interdisciplinar que ocorreu com estudantes da turma do 7º ano B, numa escola municipal de Ensino Fundamental, localizada no município de Ijuí, região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, com cerca de 83.089 habitantes. A escola pertence a uma área considerada periférica no município e abrange crianças e jovens dos Bairros Glória, Tancredo Neves e XV de Novembro, sendo que muitos vivem em situação precária em termos de sua sustentabilidade, por isso enfrentam diversas situações de vida, o que remete à realidade socioeconômica das famílias.

Desde o período de inserção da acadêmica e bolsista do PIBID<sup>1</sup> na turma ficou evidente que os jovens eram usuários de e/ou tinham interesse em celulares, vídeos, músicas, *internet* e redes sociais, mas essas ferramentas não eram usadas com a finalidade de unir os estudos à tecnologia, menos ainda para aprender conteúdos de história. Durante o período de monitoria, constatou-se que os mesmos demonstravam falta de interesse em estudar história, a qual era vista como mais uma matéria para passar de ano, além do fato que as questões abordadas não atendiam seus interesses, por estarem desvinculadas de seu contexto de vida atual.

No segundo semestre, devido à proposta da escola e do Pibid em realizar a formação docente em contexto e por meio da docência compartilhada, a bolsista foi desafiada, juntamente com demais bolsistas, supervisores e coordenadores do Programa e professores da turma engajados na atividade, a elaborar um projeto interdisciplinar que considerasse uma questão norteadora, articulada aos conceitos e conteúdos específicos de cada área do conhecimento.

Um dos teóricos estudado pelo grupo do PIBID é Marques (2000), o qual defende que

[...] Os conceitos são instrumentos do pensar e do agir, que se justificam e ganham sentido próprio no complexo sistema que compõem com os conceitos correlatos e em que interagem em campo teórico mais vasto. Impõe-se, por isso, uma visão nova de inter ou transdisciplinaridade. Nenhuma disciplina, nenhuma região do saber existe isolada em si mesma, devendo, depois, relacionar-se com as demais. Só se constituem as disciplinas na unidade do saber, como totalidade em que se correlacionam os muitos saberes e se expressam as múltiplas vozes da razão. No coração de cada ciência habitam as demais (MARQUES, 1995, p. 115-116).

A escola buscava ampliar formas de desenvolvimento de suas práticas pedagógicas e o PIBID representava essa possibilidade de avanço e parceria pela prática da docência compartilhada entre professores titulares e bolsistas. A docência compartilhada, para Traversini, Rodrigues e Freitas (2010),

[...] consiste em uma ação docente compartilhada entre dois professores em sala de aula e em um planejamento também compartilhado, ou seja, não é realizado apenas entre os professores, supõe a participação dos docentes envolvidos com o projeto e da equipe diretiva, com assessoramento pedagógico especializado (TRAVERSINI, RODRIGUES E FREITAS, 2010, p. 2).

Inicialmente foi realizada uma reunião geral com o grupo do PIBID que atua na escola para explicitação da intencionalidade do projeto interdisciplinar. Nesta reunião, ficou combinado que cada disciplina faria proposições de abordagem consi-

---

<sup>1</sup>PIBID/UNIJUI (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, mantido pelo Ministério da Educação- Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul), com apoio financeiro da CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, edital Nº 061/2013.

derando a pergunta: Por que estudar matemática, inglês ou história?, cujo planejamento envolveria professores coordenadores do PIBID, bolsistas e os professores de cada disciplina. Posteriormente, o grupo se reuniu para socializar suas proposições e elaborar o projeto interdisciplinar. Foi nesse momento que o grupo compreendeu como articular o projeto para que os estudantes construíssem respostas à sua pergunta. Combinou-se que a culminância dos estudos (pesquisas e trabalhos práticos desenvolvidos) seria mediante apresentação oral dos mesmos na Feira do Conhecimento organizada pela escola e que tem por objetivo incentivar o trabalho coletivo entre professores e estudantes, a pesquisa, a aprendizagem e o desenvolvimento da expressão oral dos alunos.

Para inserir-se no projeto interdisciplinar, a disciplina de história, considerando o uso de algumas mídias pelos jovens, buscou unir ferramentas tecnológicas à compreensão de conceitos e conteúdos que constavam no plano de estudos da turma e instigar a pesquisa, o debate e o protagonismo dos estudantes. Ao fazer a escuta dos jovens e observá-los em seu cotidiano escolar, ficou evidente que o celular com acesso à *internet* possibilitava conhecer o mundo fora da realidade dos muros da escola e dos limites do bairro ou da cidade. Assim, ao trazer para a sala de aula as tecnologias que dispunham, acredita-se que escola pode constituir-se em elo para o mundo externo e proporcionar aprendizagens ampliadas e distintas de algumas práticas pedagógicas que as desconsideram.

Em decorrência do fato: desinteresse pela disciplina, foi preciso entender o porquê estes estudantes apresentavam certa resistência ao estudo de história. Para tanto, foi necessário compreender a realidade sociocultural na qual estavam inseridos, pois a constituição familiar do grupo de jovens é diferente daquela que a sociedade impõe como tradicional, além disso, os mesmos enfrentam dificuldades econômicas que dificultam suprir necessidades básicas do dia a dia, como: moradia, vestimentas, em especial em dias frios e alimentação, por isso a hora da merenda era muito esperada.

Nesse período, o conteúdo trabalhado era referente às Navegações Portuguesas, seguido da História do Rio Grande do Sul, especialmente no que se refere às Charqueadas, mas a prática pedagógica desenvolvida mostrou-se insuficiente para gerar o interesse e a aprendizagem dos estudantes. Os alunos não demonstravam interesse pelos conteúdos do modo como eram abordados no livro didático, tampouco à explicação expositiva do professor, também não perguntavam muito, por isso iniciou-se a reflexão acerca de como a tecnologia interfere e auxilia na sua rotina no ambiente escolar.

Ressalta-se que outro ponto fundamental para entender esse contexto foi analisar a realidade social e cultural a que estavam ligados, pois durante as aulas ficou evidente que não havia incentivo das famílias para a disciplina de história. Fato que suscitou questionamentos: em que momento da vida das pessoas ligadas aos estudantes surgiu essa falta de interesse? Qual a formação histórica que tiveram? Por que consideravam a história uma disciplina de menor importância no currículo? Por que

não a percebiam como relevante no processo de formação e desenvolvimento humano e social?

Portanto, esse foi o pano de fundo para desenvolver a principal problemática deste trabalho, cujo proposta foi dividida em quatro tempos: primeiro momento, instigá-los a pensar quem são; segundo momento questioná-los sobre o porquê precisam estudar história, incentivando-os ainda a pensar historicamente as tecnologias existentes na época em que nasceram, bem como de pessoas importantes em suas vidas, comparando as datas e ferramentas tecnológicas disponíveis em cada período; terceiro momento, efetuar a comparação com o conteúdo estudado, ou seja, as Charqueadas, para identificar quais artefatos a sociedade da época tinha como recursos para atender a população; e, por fim, o quarto momento, por meio do uso das tecnologias, fotos, imagens, músicas e textos sobre o conteúdo proposto, elaborar uma linha de tempo sob a forma de vídeo, para apresentar aos demais alunos da escola durante a Feira do Conhecimento.

## Tecnologias e seu papel no processo de aprender história

As histórias pessoais, o conhecimento da realidade social e econômica e a pesquisa nas mídias como orientadores da proposta para responder a questão “Por que estudar história?” constituíram-se em ponto de partida para o exercício da docência compartilhada e desenvolvimento da proposta.

Para inserção na realidade dos alunos, que veem nas redes sociais formas de expressão, relacionamento e oportunidade de buscar conteúdos de seu interesse, o grupo do PIBID de História decidiu considerar as potencialidades das tecnologias disponíveis e de acesso aos estudantes, sem descuidar da dimensão pedagógica e o conteúdo referente às Charqueadas. Razão pela qual optou-se por estudar o tema e sistematizá-lo em forma de vídeo, mediante o aproveitamento de ferramentas, tais como: áudios, fotos e ilustrações. Também fez-se consulta bibliográfica em textos didáticos. A integração da turma para pesquisar o conteúdo, elaborar textos, gravar áudios, pesquisar fotografias e construir uma linha do tempo em forma de vídeo proporcionou a socialização de conhecimentos entre todos envolvidos, momento esse em que os mesmos interagiram, indagaram, despertaram sua curiosidade pela história.

Constatou-se que o trabalho oportunizou a participação dos estudantes, o uso de tecnologias em vários momentos do processo de aprendizagem, aprofundamento dos estudos, emprego da pesquisa como princípio formativo, o exercício da aprendizagem compartilhada e o reconhecimento das potencialidades das mídias digitais e dos recursos do vídeo como forma de sistematização de estudos. O processo contribuiu para aprender de uma forma atrativa e eficiente, sem abandonar o livro didático adotado pela escola, mas tendo-o como mais um objeto de pesquisa.

A experiência demonstrou que as tecnologias (que estão em processo de aperfeiçoamento constante), provocam alterações na rotina de vida, influenciam as instituições de ensino e cativam as pessoas, especialmente os jovens estudantes que

estão cada vez mais conectados, utilizando computadores, telefones celulares, para interagir, buscar informações e produtos. Constatou-se que a tecnologia possibilita a aproximação entre os alunos e os educadores e igualmente se torna possibilidade para potencializar os processos de ensino e aprendizagem. Por meio da pesquisa em diferentes mídias, os estudantes têm acesso às várias informações e conteúdos e conceitos de cunho histórico, que no processo pedagógico geram aprendizagens e conhecimentos. Portanto, usar as tecnologias disponíveis, se estabelece como mais um entre tantos desafios em períodos de modernidade, em que a sociedade avança de uma forma rápida.

A possibilidade de socialização de informações e saberes entre alunos e professores pode levar a pensar outras sistemáticas de trabalho e aprendizagens distintas, considerando, para tanto, esse instrumental tecnológico, que pode ajudar ou mudar alguns cenários da realidade escolar. Nesta perspectiva, entende-se que a presença das tecnologias em ambientes escolares pode contribuir para instigar a curiosidade e a pesquisa o que pode gerar mudanças em termos metodológicos que priorizem o papel do sujeito no processo de aprender. Há um bom tempo os profissionais estão sendo desafiados a repensar suas práticas pedagógicas centradas na aprendizagem do estudante que hoje está imerso em contextos tecnológicos complexos e que abrem infinitas possibilidades de acesso à informação, mas que necessitam ser compreendidas e transformadas em conhecimentos próprios e isso exige a ação intencional do professor.

Em síntese, pode-se afirmar que foi uma prática significativa na formação docente em contexto e de modo compartilhado, na qual se pode construir saberes e fazeres docentes, incluir as tecnologias na sala de aula, desenvolver a aprendizagem pela pesquisa, elaborar e desenvolver o planejamento interdisciplinar, bem como aprofundar conhecimentos teóricos e metodológicos em relação ao ensino de história.

Marques (1999) ao escrever sobre a sala de aula ampliada no computador, explica que:

Na sociedade da informação, as novas articulações das linguagens da oralidade, da escrita e do ciberespaço exigem educação outra, uma outra escola e, basicamente, uma sala de aula reconstruída. Na cibercultura recompõem-se e se rearticulam as linguagens todas que nos fazem homens entre homens, fazem a sociedade, as culturas e as identidades de cada sujeito com respectivos mundos. Como a escola, a sala de aula está vitalmente inserida nessa sociedade da informação, cumprindo-nos, aos educadores, entender: a) a existência dessa inserção; b) a maneira como ela se efetiva; c) a necessária mediação da turma de alunos e da equipe de professores na interlocução que transforma informação em saber; d) a afirmação de uma nova pedagogia baseada no princípio educativo da pesquisa (MARQUES, 1999, p 172)

Essa experiência tornou mais evidente a necessidade de interligar as disciplinas para uma leitura qualificada da realidade, de como uma área precisa e pode contribuir com as demais para aprofundar conhecimentos, e que o planejamento interdisciplinar oportuniza construir práticas pedagógicas interativas

que favorecem o protagonismo dos estudantes, bem como reconhecer que as tecnologias podem potencializar aprendizagens no contexto da sociedade de informação na perspectiva da produção de conhecimentos.

## Desenvolvimento da proposta na disciplina de História

O processo de construção da prática pedagógica demandou muitas pesquisas, leituras e a construção de estratégias para o desenvolvimento das ações pedagógicas específicas. Em reuniões com a coordenação do Pibid de História na universidade, pois como a pibidiana já estava inserida na escola, o planejamento de um projeto interdisciplinar, no qual a história era uma das disciplinas, criou o desafio de efetivamente compreender a realidade dos alunos, bem como conquistar a confiança deles. Para tanto, o primeiro momento da atividade planejada buscou entender o que os mesmos pensavam sobre “quem são eles”, ou seja, foi preciso retomar assim a importância da história e resgate de suas memórias. Com base nas experiências de cada aluno, para estimulá-los a pensar, foi apresentado o vídeo “Palavra Cantada – Eu”, que relata perguntas sobre a origem dos personagens, como mãe, pai, avó, avô, o que gostavam, faziam, enfim, uma forma de mostrar em forma de música e vídeo, como se forma uma família, uma comunidade e sociedade.

Após a noção de suas origens, instituiu-se o segundo momento da atividade no qual os estudantes foram instigados a pensar que têm uma história pessoal, assim como o Brasil e o Rio Grande do Sul e que as mesmas são construídas pelos sujeitos e, em razão disso, a reflexão necessita ser contextualizada. E que, portanto, a compreensão da construção da sociedade não se dá pela exposição de um conteúdo desvinculado das histórias, mas em cotejá-las e compreendê-las no contexto das ações humanas.

Essa reflexão remeteu à questão norteadora da proposta: “Por que estudar história?”. Após os alunos terem as respostas escritas em seus cadernos, foi realizada uma gravação em áudio acerca do que os mesmos entendiam sobre a questão. Na sequência, explicou-se que uma linha do tempo seria construída, mas de uma forma diferente, em forma de vídeo contendo: fotos, conteúdos referentes ao tema, músicas e imagens. Então, após serem instigados a pensar historicamente, iniciou-se a organização da linha de tempo, propondo unir história e tecnologia.

Segundo Rüsen (2010, p.141-2), o “pensamento histórico interpreta o presente à luz do passado de forma que as condições dadas do agir de hoje, como temporalmente mutáveis, sejam inseridas no processo de superação por um agir intencional e esperançoso”. Como também, ocorre numa perspectiva de ordenamento da vida no tempo, buscando a historicização.

Nesta perspectiva, os alunos foram desafiados a escrever um texto sobre o que mais gostavam em relação às ferramentas tecnológica e digital, mostrando a data de nascimento, além de buscar, junto aos seus familiares, ferramentas

tecnológicas utilizadas quando estes estavam na escola, quando eram crianças ou adolescentes. Vale ressaltar que o mesmo comparativo foi possibilitado também em relação aos seus grandes ídolos, tendo em vista que muitos alunos têm vários problemas de relacionamento com as famílias. Sendo assim, o objetivo dessa parte da atividade foi comparar as tecnologias de diferentes períodos, para perceber o porquê estudar história, relacionado à vida deles, levando-os a perceber que as coisas mudam e que por isso é preciso conhecer outros tempos para comparar.

Até então, tinha-se a posse dos áudios gravados sobre quem eles eram, o porquê estudar história, e fotos/datas dos alunos e pessoas importante em suas vidas, ou seja, meio caminho andando para a construção da linha do tempo em forma de vídeo. E, assim, passou-se ao terceiro momento deste trabalho, já que após a problematização inicial foi aprofundado o estudo sobre a História do Rio Grande do Sul, dando atenção à questão das Charqueadas no contexto da Estado. Para isso, a turma foi organizada para estudar as diversas temáticas definidas no plano de estudos do professor da turma, disponível em vários textos, inclusive no livro didático da turma.

Por fim, o quarto e último momento, contou com a união de todo material construído/organizado durante as atividades. A linha do tempo foi montada, dividindo o vídeo em duas partes: a primeira que utilizava os áudios sobre as frases que explicavam “quem eles eram”, ‘o porquê estudar história’, mostrando a cada voz apresentada, uma foto do aluno, ou de grupos da turma. A música foi utilizada um recurso fundamental, sendo usada durante a passagem de datas e imagens de tecnologias de agora, como por exemplo, celular, tablets, computadores modernos, ou de anos atrás, como videocassete, máquinas de escrever, etc... Constatou-se que os alunos se envolveram de forma intensa na construção e apresentação do vídeo, com um recurso simples, mas que os levou a refletir e interagir.

Após isso, o vídeo entrou em uma segunda parte, em que o conteúdo das Charqueadas, bem como o que representa para a história, além de datas e conceitos fundamentais foram apresentados em forma de tópicos, com o uso de imagens e fotos da época, o que marcou e mudou muito a visão dos estudantes sobre o tema. Assim, ao proporcionar aos estudantes ter experiências com distintos gêneros de discursos (contemporaneamente há uma variedade modos de composição de textos que mesclam o verbal, o sonoro, o visual, o gestual) oportunizou-se a ampliação de possibilidades de ações com as diferentes linguagens as quais contribuíram em suas aprendizagens e no desenvolvimento de sua capacidade de produzir discursos que incluem os recursos tecnológicos e pensar o portador de texto adequado à situação comunicativa, no caso o vídeo para ser apresentado na Feira do Conhecimento.

Cabe destacar que o vídeo com a linha do tempo foi apresentado com entusiasmo pelos estudantes na Feira do Conhecimento da escola, em outubro de 2016, para demais turmas. Constatou-se que, por vontade própria, fizeram questão de explicar aos colegas o que constava no vídeo, sendo importante ressaltar a participação de alunos que apresentavam dificuldades para interagir no grupo, ter concentração para os estudos e falar em público. Na prática, verificou-se que os



estudantes desenvolveram a concentração, passaram a trabalhar em grupo para ampliar seus entendimentos em relação ao conteúdo, além de superar o medo de falar público. Pode-se pressupor que estavam gostando de ser instigados ao conhecimento e que ao aprender passaram a querer expressar aprendizagens. Enfim, ter o reconhecimento de seus pares e professores.

## Por que e como estudar história?

Antes de responder a questão proposta acima, é preciso perguntar: o que leva o homem a querer aprender? Na perspectiva de Marques (2000),

O homem pode se definir como ser que aprende. Não surge ele feito ou pré-programado de vez. Sua existência não é por inteiro dada ou fixa; ele a constrói a partir de imensa gama de possibilidade em aberto. Nasce no seio de uma cultura viva, que só é tal à medida que assumida como desafio de permanente reconstrução pela atribuição de sentidos que imprime a seu convívio em sociedade e na estruturação da própria personalidade (MARQUES, 1995, p. 15).

Essa concepção de aprender nos remete a uma educação que precisa ser vista como um processo em constante construção e reconstrução, que, numa sociedade dinâmica, desafia o professor a articular o conhecimento com a vida dos alunos. Esse profissional ao refletir na e sobre a prática estará contribuindo com as mudanças propostas no ambiente escolar, que nas últimas décadas, possibilitaram experiências diferenciadas e inovadoras, mas que necessitam constantemente ser repensadas. Nesta perspectiva, “[...] a escola é concebida como instituição social que concretiza as relações entre educação, sociedade e cidadania, sendo uma das principais agências responsáveis pela formação das novas gerações (FONSECA, 2007, p. 152)”.

Entender a escola nessa perspectiva requer um ensino de história também diferenciado, em que novas possibilidades de aprendizagem podem ser consideradas, tornando os conhecimentos significativos para os alunos, articulando e relacionando-os à realidade e à vida dos sujeitos. Cerri (2011, p. 15-6) ressalta que o homem sofre “influência de nosso passado, nossa memória e nossa cultura”, o que cria expectativas em relação ao futuro. Para o autor,

[...] nessa dinâmica, a minha identidade, (constituída em grande parte pela minha história) e a identidade coletiva (constituída em grande parte pela história nacional) são fundamentais. E aqui está a ligação entre consciência histórica e o ensino de história, bem como os vários usos sociais que o conhecimento histórico assume (CERRI, 2011, p. 15-6).

Segundo Karnal (2004), é possível buscar a transformação da atuação pedagógica, na qual o papel do professor supera a compreensão e prática sobre sua disciplina. A aproximação com as demais áreas do conhecimento ampliará a responsabilidade do educador com a formação dos seus alunos, para desenvolver a capacidade do estudar, que no ato educativo aprendem a aprender.

Ou seja, com base nos temas transversais propostos e na necessidade de cada realidade escolar, o professor deve aproximar seus conteúdos e sua prática escolar para o desenvolvimento da capacidade de o aluno ler e interpretar a realidade, contextualizando-a, aprendendo a aprender. Dessa forma não se trata de aprender que houve escravidão no Brasil, mas de que o aluno saiba se perguntar sobre as formas de organização da produção, dos problemas decorrentes de um ou outro modelo, de questionar sobre os valores que os permeiam e como estes estão presentes em nossa sociedade atual (KARNAL, 2004, p. 62).

A história possibilita com que os alunos tenham significativa possibilidade de fazer uma leitura qualificada da realidade ou do ambiente no qual estão inseridos. E, mesmo sendo necessário, nem sempre isso será compreendido dessa forma pelas futuras gerações. O desafio está em criar as condições necessárias para que os alunos atribuam sentido ao que estão estudando, não olhar o passado pelo passado, mas desenvolver capacidade para que consigam articular o presente, o passado e o futuro.

Cerri(2011), ao avançar a reflexão sobre consciência histórica, destaca que o ensino de história também seria resultado de necessidades sociais e políticas na formação da identidade de novas gerações, não sendo só uma questão de aprendizado, mas relacionado ao sociológico e ao cultural. Nesta linha, argumenta que não é uma falta de habilidade em lidar com a história, mas dificuldade em lidar com o confronto de concepções distintas sobre as concepções de tempo, identidade e humanidade, dentre outras. E, ainda, acrescenta que os professores tiveram sua formação em outro momento, tendo

[...] uma concepção de tempo, de identidade e de humanidade que não se encaixa nas visões das novas gerações, marcadas por perspectivas de futuro (e, portanto, de tempo, de identidade e de humanidade) distintas. Pode ser que venha daí a dificuldade de dialogar com a vivência dos indivíduos jovens em convivência com suas comunidades concretas (CERRI, 2011, p. 18).

Acredita-se que a metodologia de história pode contribuir para que os alunos percebam que várias leituras são possíveis em relação a um mesmo acontecimento, pois a sociedade é dinâmica e os fatos são narrados por sujeitos que têm percepções diferentes dos mesmos e as narrativas são atravessadas pelas suas concepções, crenças e experiências. Assim, torna-se necessário a constituição de um sujeito curioso, investigador e pesquisador que busca estudar, comparar dados em diferentes textos para analisar os fatos e então posicionar-se.

Dentre os métodos de estudo, Cerri destaca que:

O método histórico esquadriha os sujeitos, suas ligações sociais, suas intenções e interesses de jogo, para entender a informação que cada um deles traz, e, assim, dimensioná-la corretamente e relativizá-la. Se o nosso aluno puder fazer e identificar pessoas e interesses por trás de reportagens, processos históricos, ações governamentais, a história terá cumprido outra de suas funções educativas (CERRI, 2011, p. 116).

Para além da capacidade apresentada anteriormente, pode-se ressaltar ainda a importância do ensino de história trabalhar na perspectiva de “retirar os jovens do presente contínuo é abrir as portas para a sensibilidade em relação ao passado e à

compreensão da dinâmica do tempo” (CERRI, 2011, p. 116). Ele não dará conta disso sozinho, mas por meio da articulação e diálogo entre as disciplinas, pode-se compartilhar responsabilidades, pois o processo de formação das gerações atuais requer muito diálogo entre diferentes áreas.

Considerando que no espaço escolar o professor assume o lugar daquele que pensa a prática pedagógica de modo intencional e conhece sua área de atuação, sendo um dos responsáveis na formação de cidadão que de fato conhece a realidade na qual encontra-se inserido, concorda-se com Marques quando afirma que:

Na complexidade do mundo atual, diferenciado, pluriforme e em processo de rápidas transformações, a educação se exige como atuação, proposital, explícita e sistemática, dia após dia, de atores com preparo específico, em tarefas peculiares e dedicação exclusiva. É esse o professor-educador a quem nos referimos, com formação específica e entrega apaixonada ao exercício profissional do trabalho e ação educativa (MARQUES, 1999, p. 178).

Ao desenvolver a prática docente é relevante não conceber o espaço da sala de aula como lugar onde se deve transmitir um conteúdo histórico como pronto e acabado. A prática pedagógica requer outra percepção de currículo.

O currículo tal como a linguagem, não é meio transparente, que se limita servir de passagem para um “real” que o conhecimento torna presente. O currículo é também representação: um lugar que circulam signos. Conceber o currículo como representação significa vê-lo como superfície de inscrição, como suporte material do conhecimento em sua forma significativa. Na concepção de currículo como representação, o conhecimento não é a transcrição do “real”: a transcrição é que é real (SILVA, 2003, p. 64).

O mestre Freire (2005) argumenta acerca da comunicação, do diálogo entre sujeitos nas práticas educativas, sendo que o mesmo avalia que a educação é uma relação dialógica, baseada na comunicação e na ação conscientes de educadores e educandos na busca da humanização e esse é um caminho possível para exercer a docência.

## Considerações finais

Desde a inserção da pibidiana na turma do 7º ano na escola foi possível acompanhar e analisar o desenvolvimento dos alunos que passou do desinteresse pelo estudo da história ao envolvimento na pesquisa e produção de um vídeo que sistematizou aprendizagens por meio do uso das linguagens. Pode-se afirmar que houve um movimento de engajamento nas aulas, o qual oportunizou à turma vencer muitas das resistências e, dessa foram, desenvolver uma experiência transformadora, tornando-os mais confiantes nas suas potencialidades, o que permitiu vencer dificuldades e realizar um trabalho coletivo que atravessa os muros da escola, pois os conhecimentos sistematizados e as práticas desenvolvidas têm relação com a sua vida.

A docência compartilhada proporcionou acesso ao contexto de uma sala de aula em sua complexidade, oportunizou conhecer os estudantes, entender a função dos planos de estudos e refletir sobre questões metodológicas para o ensino e aprendizagem de conceitos e conteúdos de história em diálogo com outras áreas de conhecimento. Para a pibidiana, o fato de poder conviver e atuar com o professor da turma contribuiu para ampliar saberes docentes, para conhecer e atuar como professora durante seu processo de formação no Curso de História, como preparação para os futuros estágios da graduação e para construir um entendimento aproximado de sua vida profissional. E, para nós, professoras universitárias, essa prática constituiu-se em oportunidade para pensar e ter atitudes interdisciplinares num planejamento em movimento, dialógico e humanizado.

Em termos gerais, as atividades desenvolvidas no projeto evidenciaram que é preciso estar atento aos diversos fatores que interferem no desenvolvimento das aulas: pertinência de certos conteúdos, abordagem dos conteúdos (se o foco é no ensino ou na aprendizagem), a história dos sujeitos, suas experiências e expectativas em relação à sua formação e aprendizagem escolar, as formas e níveis de interação do grupo e as expectativas que a família tem em relação à educação escolar.

A experiência oportunizou refletir sobre a necessidade de repensar as práticas pedagógicas, isso porque, as novas tecnologias, se aliadas à pesquisa e uma proposta de educação que busca a participação e/ou protagonismo dos estudantes nas suas aprendizagens, podem potencializar distintas aprendizagens, ampliar a interação e contribuir no desenvolvimento humano. A curiosidade pelo conhecimento, o trabalho coletivo, o desafio da busca e a comparação entre as informações obtidas em diferentes contextos históricos e textos podem gerar o debate, o interesse e o aprofundamento de conhecimentos que se dá pela via do diálogo e da interação entre os participantes do processo educativo.

Ao reconhecer que os estudantes têm uma base de informações, saberes e conhecimentos ampliados pelo uso de tecnologias em vários formatos (mídias), faz-se necessário o professor refletir acerca de quais ferramentas tecnológicas empregará nas suas aulas para potencializar aprendizagens intencionais em relação aos conceitos e conteúdos previstos para esse tempo e espaço pedagógico que precisa ter vínculo com o contexto no qual estão inseridos e não como conhecimento livresco ou mera informação. Isso porque o professor é o responsável pela condução da aula que prevê a interação para e com a turma de estudantes por meio das linguagens e dos conceitos e conteúdos abordados, cujo fim é o desenvolvimento da autonomia para o estudo e da capacidade de relacionar conhecimentos no contexto em que vive e atua de modo a produção de saberes e conhecimento.

Os resultados apontam para o significado de um planejamento interdisciplinar ancorado nas questões dos estudantes de modo a buscar respostas às suas questões e anseios. O trabalho evidencia a necessária relação entre histórias de vida e histórias do Estado ou do país e o que possibilita dar sentido aos estudos e perceber que estas são construídas pelos homens em tempos e espaços com características próprias, por exemplo: ter rádio, televisão, telefone, computador, internet. Quanto ao uso de tecno-

logias na sala de aula, confirma-se que estas contribuíram para: potencializar o ensino de história; aumentar o envolvimento e o protagonismo dos estudantes no que se refere às suas aprendizagens; possibilitar a criação de um vídeo que teve participação dos sujeitos; ampliar o trabalho de pesquisa na internet e ter acesso um maior número de textos e imagens que ilustraram os estudos e/ou propiciaram outros entendimentos.

Conclui-se que as atividades realizadas por meio do Pibid contribuíram para conhecer, analisar e desenvolver uma prática que aponta para o campo profissional, ou seja, ser professor de história, o qual necessita dialogar com as demais áreas do conhecimento na perspectiva de correlacionar saberes para aprofundar perspectivas. No caso específico, o projeto interdisciplinar teve como intenção buscar respostas ao porquê estudar: história, inglês e/ou matemática, que de certa forma remeteu ao porquê o conhecimento sistematizado integra o currículo escolar. Foi uma experiência construtiva que abriu muitas indagações que serão respondidas ao longo da formação profissional em diálogo com a prática docente no PIBID.

## Referências

CERRI, Luís Fernando. **Ensino de História e consciência histórica**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

FONSECA, Selva G. A constituição de saberes pedagógicos na formação inicial do professor para o Ensino de História na Educação Básica. IN: MONTEIRO A. M., GASPARELLO, A. M., MAGALHAES, M.S. **Ensino de História sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 31. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

KARNAL, Leandro. (org.). **História em sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 2. Ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

MARQUES, Mario Osório. **A escola no computador: linguagens rearticuladas, educação outra**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1999. (Coleção fronteiras da educação).

\_\_\_\_\_. **A Aprendizagem na mediação social do aprendido e da docência**. Ijuí: Ed. UNIJUI, 1995.

RÜSEN, Jörn. **História viva: teoria da história III: formas e funções do conhecimento histórico**. Brasília: UnB, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

TRAVERSINI, Clarisse Salette; RODRIGUES, Maria Bernadette; FREITAS, Juliana. **O desafio de exercer a docência e constituir-se como aluno no projeto de docência compartilhada.** Porto Alegre: UFRGS, 2010.

**Recebido em 29/05/2017.**

**Aprovado em 09/08/2017.**